

COMUNICAÇÃO E SEMIOSE: ASPECTOS DO POTENCIAL COMUNICATIVO DE TEXTOS



Maria Ogécia Drigo

■ Doutora em Comunicação e Semiótica
– PUC / SP, professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba / SP, pesquisadora do CNPq.

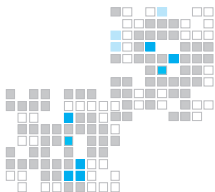
■ Email: maria.drigo@uniso.br



Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

■ Doutora em Comunicação e Semiótica
– PUC/ SP, professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba / SP.

■ Email: luciana.souza@uniso.br



RESUMO

Pretende-se enfatizar que a compreensão da semiose na mente humana, que envolve o sentir e o agir, fundamentados nas idéias de Charles Sanders Peirce e de António R. Damásio, permite explicitar idéias gerais para orientar estudos sobre o potencial comunicativo de textos, bem como para a elaboração destes.

PALAVRAS-CHAVE: SEMIÓTICA; POTENCIAL COMUNICATIVO; SEMIOSE; TEXTO.

ABSTRACT

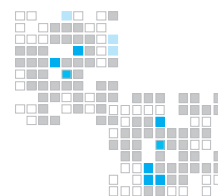
Supported on the arguments presented by Charles Sanders Peirce and António R. Damásio, this article stresses that comprehension of semiosis in human mind involves feeling and acting; as such, it introduces ideas to guide studies on the communicative potential of texts, as well as on the production of such texts.

KEYWORDS: SEMIOTICS; COMMUNICATIVE POTENTIAL; SEMIOSIS; TEXT.

RESUMEN

Se pretende enfatizar que el entendimiento de la semiosis en la mente humana que comprende el sentir y el actuar, fundamentados en las ideas de Charles Sanders Peirce y de António R. Damásio, permite explicitar ideas generales para orientar estudios sobre el potencial comunicativo de textos, como también para la elaboración de estos.

PALABRAS CLAVES: SEMIOTICA; POTENCIAL COMUNICATIVO; SEMIOSIS; TEXTO.



Introdução

Propõe-se, neste artigo, refletir sobre o potencial comunicativo de textos. Para esse intento, toma-se como ponto de partida idéias de Barthes (2004) sobre o prazer do texto e o “espaço de fruição” para, em seguida, tentar explicitar o que o autor denomina de “espaço de fruição” por meio de idéias peirceanas sobre a semiose – ação de signos na mente humana –, bem como via idéias de António R. Damásio (1996) – sobre o marcador somático e as imagens mentais vinculadas aos sentimentos –, que vão ao encontro de idéias peirceanas e nos permitem escapar de explicações psicológicas.

Concebe-se texto como tecido, mas “não como um produto, um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade)” (Barthes, 2004, p.74). Contudo, enquanto Barthes (2004) argumenta que o leitor se perde neste tecido, se desfaz nele, o que aqui se propõe é que um duplo movimento se perfaz na interação texto/leitor: ao mesmo tempo em que o leitor se ‘espalha’ pelo texto, também ganha corpo nele. Assim, o texto e a história de semiose do leitor, ou seja, seu repertório se entrelaça. Logo, ambos atualizam seus potenciais, bem como o incorporam: ambos se transformam nesta tarefa.

Mas as possíveis interpretações individuais importam para a compreensão do potencial comunicativo do texto? Elas não se esgotam, pois são infinitas!

O que o intérprete faz ao receber um signo é promover uma interpretação efetiva, singular, histórica, psicológica, relativa. Cada interpretação singular tem algo de irrepitível (o acontecimento que não volta mais), porém tem algo de geral e coletivo, o que faz a interpretação comunicável (Santaella, 1992, p.197).

Assim, ao se considerar texto como algo que se faz signo – no sentido peirceano¹ –, no processo interpretativo, inventariar as interpretações singulares não importa, bem como não importa inventariar os aspectos gerais e coletivos nessas interpretações para caracterizar o potencial comunicativo desse texto. Tal afirmativa se fundamenta em Eco (1984, p.15) para quem um texto não é um sistema de significação, é uma realização comunicativa. O mesmo autor acrescenta que para tornar claro o conceito de texto, alguns estudiosos buscaram uma gramática gerativa, do tipo chomskyana, ou seja, lançaram mão de regras para se gerar um texto, o que não foi suficiente. Para adentrar um texto é fundamental o elemento pragmático, isto é, as circunstâncias em que o texto foi emitido, a posição do enunciador e assim por diante. Adverte ainda que o conceito de texto não pode, portanto, ser reservado apenas a uma análise em termos de sistema de significação, já que se trata de um problema de comunicação.

No tocante à fruição, Barthes (2004) argumenta que o fato do escritor escrever com prazer uma frase, uma história ou uma palavra, não assegura o prazer do leitor.

Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor é mister que eu o procure (que eu o “dague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo (Barthes, 2004, p.9).

1 O que funciona e age como signo, assim o faz porque substitui ou está no lugar de algo que não é ele mesmo, o seu objeto. Portanto, o signo representa o objeto. Logo, ele tenta resgatar esta dívida para com o objeto produzindo interpretantes. O interpretante seria uma outra representação relativa ao mesmo objeto, ou melhor, o interpretante de um signo é outro signo. Mas, por sua vez, esse signo, gera como interpretante um outro signo e assim sucessivamente e infinitamente.

Se os dados são lançados, o universo de possibilidades se esgota. Só uma possibilidade se atualiza. Ao mencionar “haja um jogo” apresenta-se o universo de possibilidades. Este é o espaço da fruição e é nele que o potencial comunicativo se instaura. Mas a tarefa de compreender como se suscita o prazer do leitor não foi levada adiante por Barthes.

Sobre o prazer do texto, nenhuma “tese” é possível; apenas uma inspeção... Há exemplos ao menos? Poder-se-ia pensar numa imensa colheita coletiva: recolher-se-iam todos os textos que chegaram a dar prazer a alguém (de qualquer lugar que venham esses textos) e manifestar-se-ia esse corpo textual (corpus: é dizer bem), um pouco como a psicanálise expôs o corpo erótico do homem. Um tal trabalho, entretanto, é de rezear, levaria apenas a explicar os textos retidos; haveria uma bifurcação inevitável do projeto: não se podendo dizer, o prazer entraria na via geral das motivações, das quais nenhuma poderia ser definitiva (se menciono aqui alguns prazeres de texto, é sempre de passagem, de uma maneira muito precária, de modo algum regular). Em uma palavra, um trabalho assim não poderia ser escrito (Barthes, 2004, p.42-3).

Advém daí as questões: aspectos objetivos, encarnados no texto – o texto como sistema de signos – podem ser detectados? Seriam esses aspectos passíveis de fisgar o leitor e, de certo modo, o manteriam firme no seu caminhar, envolvido no texto?

Para Eco (1984, p. 4), “em um sistema semiótico bem organizado, um signo já é um texto virtual e, num processo de comunicação, um texto nada mais é que a expansão da virtualidade de um sistema de signos”. Na semiótica peirceana, quando da semiose, o signo pode ser visto como um texto virtual, uma vez que ele está no lugar do objeto e

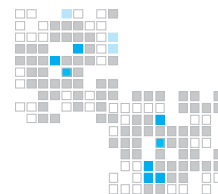
tem o poder de gerar interpretantes. No caso da mente humana, um signo gera um interpretante, que é por sua vez um outro signo; esse signo gera outro interpretante e assim sucessivamente. Infinitos signos/interpretantes se atualizam na semiose. O interpretante

(...) não designa o intérprete ou usuário do signo; ele pode ser visto como uma espécie de supersigno, individual ou coletivo, que (re)elabora constantemente o seu repertório de signos em confronto com a experiência, conferindo aos signos, em última instância, o seu significado real, prático. O interpretante, assim, não é uma “coisa”, mas antes o processo relacional pelo qual os signos são absorvidos, utilizados e criados (Pignatari, 1982, p.27).

Quer disponibilizados num meio impresso ou eletrônico, os textos se lançam ao mundo das possibilidades de interpretação, à extensão da virtualidade do sistema de signos que veicula. O potencial comunicativo destes textos depende, em parte, do repertório do leitor. Mas o que haveria encarnado neles que suscitaria interpretações?

As propriedades intrínsecas ao texto instaurariam um espaço rico, uma espécie de espaço da fruição, que garantiria a sua potencialidade comunicativa. Há possibilidade de que o potencial comunicativo de textos se vincule à permanência da atualização de qualidades de sentimentos. Conjetura-se que se uma determinada qualidade de sentimento se atualiza e instaura um espaço de fruição, então, se ela continua a se atualizar, o leitor permanece no texto. Por outro lado, tenta-se vincular tais espaços ao raciocínio abduutivo, de onde se acrescenta que os atos interpretativos ultrapassam as fronteiras dos elementos gerais e incorporam o novo, o original. A interpretação seria, portanto, um processo de natureza abduitiva.

O prazer, entretanto, não é um elemento do



texto, não é um resíduo ingênuo; não depende de uma lógica de entendimento e da sensação; é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionária e associal e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade, nenhuma mentalidade, nenhum idioleto. Qualquer coisa de neutro? (Barthes, 2004, p.30).

Diante do exposto, busca-se explicitar a adequação da conjectura e especula-se sobre características de textos que manteriam o movimento das atualizações das qualidades de sentimento. Em que medida as características objetivas do texto que se explicitará se aproximam do que Barthes caracteriza como prazer do texto?

A seguir, explicita-se como o movimento dos signos na mente humana está vinculado às atualizações de qualidades de sentimento; comenta-se sobre o sentimento e as emoções, na esteira de Damásio (1996), bem como sobre qualidades de sentimento, à luz das idéias de Charles Sanders Peirce. Na relação das qualidades de sentimento com o pensamento, como movimento de signos na mente humana, há uma espécie de enigma a ser desvendado.

Sobre o sentimento e qualidades de sentimento...

As investigações empreendidas por Peirce, no século XIX (1879), sobre a extensão espacial do sentimento envolviam o protoplasma. Uma porção de protoplasma poderia ser uma ameba ou um pedaço de lodo, que não diferia do conteúdo de uma célula nervosa, embora as suas funções possam ser menos especializadas.

Não existe dúvida que esse lodo ou ameba, ou qualquer porção do protoplasma que lhes seja similar, sente. Quer dizer, sente quando se encontra numa condição excitada. Observe-se como ela se comporta. Quando o todo se encontra quiescente e rígido, excitamos uma parte.

Nesse ponto de excitação, começa a se desenvolver um movimento ativo, o qual gradualmente se difunde para outras partes. Nessa ação não se constata nenhuma unidade, nenhuma relação com o núcleo, tão pouco com qualquer órgão unitário. Trata-se de um simples continuum amorfo de protoplasma, com sentimento passando de uma parte a outra... (CP 6.133).

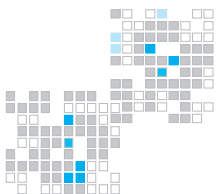
O sentimento tem uma extensão objetiva, ou seja, não há qualquer sentimento que não seja também uma representação, que não seja um predicado de qualquer coisa logicamente determinado pelos sentimentos que o precederam, segundo Peirce (1998, p. 45). Deste modo, o sentimento que se expande no corpo quando se percebe a cor vermelha depende de experiências anteriores com essa cor.

As emoções e os sentimentos, “não são entidades impalpáveis e diáfanas, como tantos insistem em classificá-los. O tema de que tratam é concreto, e sua relação com sistemas específicos no corpo e no cérebro não é menos notável do que a visão ou linguagem” (Damásio, 1996, p.195).

A emoção “é a combinação de um processo avaliatório mental, (...) com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigida ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro” (Damásio, 1996, p.168). Ao se vincular ao cérebro, há alterações mentais adicionais. A experiência dessas mudanças é o sentimento.

Com o propósito de explicar como o sentimento está vinculado ao pensamento e à ação, Damásio propõe a hipótese do marcador-somático. Os marcadores-somáticos são

(...) adquiridos por meio da experiência, sob o controle de um sistema interno de preferências e sob a influência de um conjunto externo de circunstâncias que incluem não só entidades e fenômenos com os quais o organismo tem que



Há vínculos entre retenção de imagens mentais e sentimento.

Essas imagens mentais constituem, provavelmente, um cenário nos quais os possíveis signos/interpretantes navegam (...)

interagir, mas também convenções sociais e regras éticas. A base neural para o sistema de preferências consiste, sobretudo, em disposições reguladoras inatas com o fim de garantir a sobrevivência do organismo. Conseguir sobreviver coincide com conseguir reduzir os estados desagradáveis do corpo e atingir estados homeostáticos, isto é, estados biológicos funcionalmente equilibrados. O sistema interno de preferências encontra-se internamente predisposto a evitar a dor e procurar o prazer, e é possível que esteja pré-sintonizado para alcançar esses objetivos em situações sociais (Damásio, 1996, p.211).

Por outro lado, também há certa coerência na hipótese do marcador-somático com as idéias peirceanas de que um certo amortecimento de qualidades de sentimento é inevitável. Logo, no futuro, a mente humana poderá se atualizar com um marcador somático mais amplo. Segundo Peirce,

o desenvolvimento da mente humana extinguiu praticamente todos os sentimentos, exceto algumas espécies esporádicas, sons, cheiros, calor, etc., as quais aparecem agora desconectados e diferentes. Originariamente, todos os sentimentos podem ter estado todos conectados da mesma forma, e a suposição consiste que o número de dimensões é finito. Na verdade, o desenvolvimento envolve de modo essencial uma limitação de possibilidades. (CP 6.132)

O grau de previsibilidade da mente humana, portanto, aumentará. Por outro lado, resultados de pesquisas envolvendo pacientes com lesões cerebrais, relatadas em Damásio (1996), reforçam a idéia de que os sistemas do cérebro identificados

por desempenhar um papel importante no processamento das emoções também são necessários para retenção de imagens mentais. Estas se encontram envolvidas nos processos da razão, no sentido lato do termo, mais especificamente, ao se tomar decisões. E ainda, um subconjunto desses sistemas está associado aos comportamentos de planejamento e de decisão nos âmbitos pessoal e social.

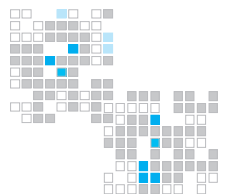
Mas também permeiam o pensamento as qualidades de sentimento, que devem ser como uma vaga, não objetivada e ainda menos, não subjetivada, sensação de vermelhidão, ou do gosto do sal, ou de uma dor, ou de tristeza ou alegria, ou de uma prolongada nota musical, como exemplos. “O ser de uma qualidade é uma mera potencialidade, sem existência” (CP 1.328).

A seguir, a descrição do movimento dos signos/interpretantes, na mente humana, no qual as qualidades de sentimento podem se realizar.

As qualidades de sentimento no movimento dos signos/interpretantes

Há vínculos entre retenção de imagens mentais e sentimento. Essas imagens mentais constituem, provavelmente, um cenário nos quais os possíveis signos/interpretantes navegam, quando da semiose na mente humana. Segundo Peirce (1998, p. 39), sempre que pensamos, temos presente à consciência algum sentimento, imagem, concepção ou outra representação que serve como signo.

O signo representa alguma coisa, que não é ele mesmo, para alguém. Isto é, produz nesse alguém um efeito de pensamento ou quase pensamento. Este efeito já é outro signo. Responderemos ao signo com outro signo. Somos presas



dessa cadeia infinita da qual não podemos escapar. (...) Estamos no mundo como qual-quer outro animal, corpos físicos e sensíveis que respondem e reagem. Contudo, nossas respos-tas, mesmo quando parecem diretas e imedia-tas, são mediadas pelo pensamento que é signo (Santaella, 1996, p.65).

Retomando o processo da semiose, temos que a significação do signo é o interpretante, ou seja, ele é o efeito do signo. Os interpretantes são clas-sificados em imediato, dinâmico e final, o que não implica que eles sejam entendidos como três coisas separadas. O interpretante imediato “con-siste na qualidade de impressão que um signo está apto a produzir, não diz respeito a qualquer reação do fato.” (CP 8.315) Assim, o interpretante imediato é o potencial interpretativo do signo. Já a interpretação concreta do signo, produzida pelo interpretante na mente humana é o interpretante dinâmico, que está vinculado à checagem com o real, à vivência de experiências, o que realimenta a ação do signo. Os interpretantes dinâmicos são “atualizações mais ou menos adequadas da inter-pretabilidade do signo rumo ao limite abstrato e ideal” – o interpretante fi-nal –, para o qual tendem (Santaella, 1995, p.102).

A semiose se dá em meio às atuali-zações de qualidades de sentimento, devido à potencialidade do interpre-tante imediato. Talvez este seja o espaço da fruição! Em meio ao amálgama de qualidades de sentimento, os signos/ interpretantes se conectam. O tecido qualitativo é que mantém o movimento dos signos/interpre-tantes. Portanto, “dizer que os fenômenos mentais são governados por lei não significa que eles são meramente descritos por uma fórmula geral; mas que existe uma idéia com vida, um continuum de sentimento informativo, o qual os impregna, e para os quais eles são dóceis” (CP 6. 152).

Desta forma, um meio com “um continuum de sentimento informativo” seria o propício para o desencadear da semiose. Mas como manter esse continuum? A seguir, outros comentários sobre as atualizações das qualidades de sentimento.

Sobre o movimento das atualizações das qualidades de sentimento

De algum modo, o texto, deve se apresentar como uma força gentil ao leitor (mente indivi-dual), ou seja, devem fazer emergir, em princípio, qualidades de sentimento ou sentimentos. Por sua vez, a cadeia interpretativa, constituída pelos sig-nos/interpretantes autogerados, deve manter as mesmas qualidades de sentimento se atualizando. Caso isso não ocorra, o interesse do leitor pode se amenizar.

Mas como garantir que as qualidades de senti-mento mantenham vínculos com a inicial? A qua-lidade de sentimento – como potência – se atualiza e as atualizações se movimentam como os termos de uma série de números reais.

Seja a igualdade: $0,999999999... = 1$. O primeiro membro representa a série:

$(0,9; 0,9 + 0,09; 0,9 + 0,09 + 0,009; 0,9 + 0,09 + 0,009 + 0,0009; ...; \sum_{j=1}^n \frac{9}{10^j}; ...)$
e o segundo membro é o valor do limite desta série.

Denominemos por s_i , com $i \in \{1,2,3,4,5,...,n,...\}$.

Assim, $s_1 = 0,9$

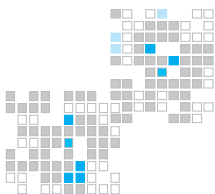
$s_2 = 0,9 + 0,09$

$s_3 = 0,9 + 0,09 + 0,009$ e assim sucessivamente,

sendo que o termo geral pode ser expresso por: $s_n = \sum_{j=1}^n \frac{9}{10^j}$

O primeiro termo da série está “inserido” no se-gundo; o segundo termo, no terceiro e assim por diante, de modo que o n-ésimo termo traz sem-pre consigo os anteriores e todos se aproximam do número real 1. Um termo de ordem n desta série é uma aproximação para o número 1.

Sendo a qualidade de sentimento – tal como o número 1 –, o movimento das suas realizações



O ponto de partida da arte ou de qualquer investigação é a obtenção da hipótese não a sua comprovação.

seria como o movimento dos termos da série, ou seja, todas as suas realizações estão vinculadas, de tal modo que cada uma sempre traz outra consigo. Assim, parte das conexões dos signos se garante.

Por outro lado, Peirce vinculou as realizações das qualidades de sentimento à execução de algoritmos pelo cérebro/sistema nervoso e à generalização/abstração presentes na construção de conceitos. A associação por similaridade seria o entendimento desta relação.

Há dois princípios reconhecidos de associação, a contigüidade e similaridade, segundo Peirce (1998). O primeiro é uma conexão que se dá por atos de reação e o segundo, é uma conexão atribuída a um poder interno, ou seja, atribuída, em parte, às realizações das qualidades de sentimento e aos sentimentos.

Peirce diz que ao encontrar uma quantidade razoável de conceitos altamente abstratos, cuja natureza dos significados era inquestionável – abundantes na matemática – ao verificar as explicações destes, constatava que eles eram expressos por meio de regras. Nas suas palavras: “comecei a procurar as explicações deles, os quais encontrei todos tomados da seguinte forma: proceder de acordo com tal e tal regra. Então, se tal e tal conceito é aplicável para tal e tal objeto, a operação será tal e tal como uma regra geral, e reciprocamente” (CP 5.483).

Assim, o conceito ou um conjunto de regras (algoritmo) é executado, via sistema nervoso/cérebro, em meio às realizações das qualidades de sentimento. Admita-se que o movimento de alguns signos/interpretantes possa convergir para o interpretante X , tomado como o interpretante último. Um signo/interpretante gerado deve ter uma espécie de matriz comum com X , que por sua vez está vinculado a uma certa qualidade de sentimento

X' , que leva a mente humana a efetuar determinado algoritmo, devido as suas realizações $X_1, X_2, \dots, X_n, \dots$, que diferem infinitesimalmente entre si. Assim, as realizações da qualidade de sentimento X' , a saber: $X_1, X_2, \dots, X_n, \dots$ possibilitam a geração de outros signos/interpretantes conectados, ou seja, com a matriz X em comum.

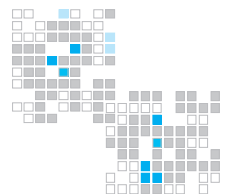
A realização da qualidade de sentimento conduz a mente a executar um algoritmo que, por sua vez, está vinculado aos signos/interpretantes que têm em comum a mesma matriz X .

Peirce considera a qualidade de sentimento como um continuum e a continuidade supõe quantidades infinitesimais. Por outro lado, a continuidade não deve ser quebrada quando adicionamos e multiplicamos essas quantidades, portanto, elas se comportam precisamente como todas as outras quantidades. Logo, se A é uma quantidade finita e i um infinitesimal, em certo sentido, podemos escrever $A + i = A$.

Assim, a mesma qualidade de sentimento e a matriz X persistem, uma vez que as realizações da qualidade de sentimento, embora difiram infinitesimalmente entre si, não diferem dela própria, pois $X_1 + i_1 = X_1$; $X_2 + i_2 = X_2$; ...; $X_n + i_n = X_n$;

Mas como explicar que os conceitos evoluem e que idéias novas emergem?

É evidente para quem reflete sobre o assunto que as idéias não se podem conectar sem a continuidade. Mas poderia ainda sustentar-se que, após a continuidade ter tornado possível a conexão das idéias, elas poderiam ser conectadas de outras formas para além da continuidade. É certo que não concebo que alguém possa negar que a diversidade infinita do universo, a que chamamos acaso, possa colocar idéias – que não estão associadas numa idéia geral



– em proximidade umas das outras. Isso pode suceder muitas vezes. Mas então a lei, a difusão contínua produzirá uma associação mental; e suponho que isto é uma enunciação resumida de como o universo tem vindo a evoluir (Peirce, 1998, p.260).

Como interpretar a idéia de Peirce acima transcrita? Considere-se o interpretante final X . Suponhamos que Y seja uma evolução deste. O que deve ter ocorrido com as realizações $X_1, X_2, \dots, X_n, \dots$?

Admita-se que a realização X_n passe a ter uma frequência muito maior que as outras realizações de X , uma vez que elas são possíveis, nada impede que elas ocorram com frequência diferenciada das outras. Por outro lado, o infinitesimal a ela vinculado, também ocorre com maior frequência. Esses infinitesimais podem ocasionar uma transformação mais significativa. Por diferenciar significativamente de X , então, um signo/interpretante com uma matriz comum com Y pode emergir. Isto, no entanto, não impede a geração de signos/interpretantes que tendem para X . Mas a geração de signos/interpretantes que convergem para Y também se consolida. Assim, uma teia de signos/interpretantes em evolução vai se constituindo. Isto é razoável, uma vez que no cotidiano as pessoas se valem de conceitos em diversos níveis de generalidade.

Trata-se de uma conjectura talvez inspirada na Teoria do Caos². Sim, pois alterações da ordem de milésimos realizadas em dados coletados empiricamente ocasionaram mudanças significativas na previsão de certos fenômenos da natureza. Desta forma, mudanças infinitesimais nas realizações das qualidades de sentimento, e incorporadas por um determinado tempo, desencadeariam mudanças significativas na qualidade de sentimento e na geração de signos/interpretantes.

Criatividade

² Para esclarecimentos sobre Teoria do Caos, sugerimos: 1. PRIGOGINE, Ilya. (2002); 2. BERGÉ, P. et al. (1996); 3. RUELLE, D. (1993).

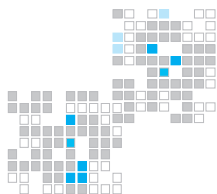
A criatividade, segundo Peirce, é a capacidade de gerar nova inteligibilidade, que envolve a vida inteira do ser humano e inclui também a evolução do universo, em contínuo crescimento. Assim, a criatividade como uma possibilidade de crescimento é uma característica da racionalidade humana, do modo de existir da mente humana. O criativo é o novo, o que vem por meio da abdução. O ser humano tem capacidade de adivinhar os caminhos da natureza e “embora esteja mais freqüentemente errado do que certo, a frequência relativa com que está certo é, no conjunto, a coisa mais maravilhosa de nossa constituição” (CP 5. 173).

O ponto de partida da arte ou de qualquer investigação é a obtenção da hipótese não a sua comprovação. Na abdução não se dá conta do modo como os elementos de uma hipótese – seus fragmentos – fluem pela mente antes deles serem juntados ou associados. O resultado deste ajuntamento é a hipótese. A “abdução é o processo de criação de uma hipótese explicativa”. É a única operação lógica que apresenta uma idéia nova (CP 5. 171).

Até o instante do emergir da hipótese, os signos/interpretantes se conectam, percorreram caminhos que não se consegue determinar imediatamente, com clareza. No entanto, deixam marcas robustas de onde advém o pressentimento de que há uma teoria explicativa. Daí a importância da abdução, por de algum modo envolver um processo que culmina com uma teoria explicativa.

A criatividade também se dá quando algo novo aparece para uma mente humana particular, ou seja, uma nova inteligibilidade também se expressa, por exemplo, em ações interpretativas. Há sempre uma pitada de adivinhação na interpretação, ou seja, ela é de natureza abdutiva.

Como instaurar o tecido qualitativo que favorece a abdução? Para isto se fazem necessários signos com potenciais diferenciados – ou um cenário de intérpretes diversificados –, para que, de algum modo, se desencadeie o movimento dos signos/in-



A criatividade, segundo Peirce, é a capacidade de gerar nova inteligibilidade, que envolve a vida inteira do ser humano e inclui também a evolução do universo, em contínuo crescimento.

terpretantes. No amálgama de qualidades de sentimento – oriundas do movimento dos signos/interpretantes –, uma vez que há sempre qualidades de sentimento se atualizando devido aos interpretantes imediatos, as idéias novas podem emergir. Os vestígios de qualidades de sentimento ou as quantidades infinitesimais de qualidades de sentimento que se mantêm de signo/interpretante para signo/interpretante são responsáveis por estas conexões. O tecido qualitativo constituído pelas realizações das qualidades de sentimento – atreladas ao interpretante imediato – e pelos sentimentos que se manifestam mantém a autogeração do signo. Assim, as qualidades de sentimento desempenham um papel vital no movimento dos signos/interpretantes e os sentimentos também, a partir do momento em que os pensamentos passam a ter algum tipo de autocontrole.

As imagens mentais, mencionadas por Damásio, estão vinculadas ao sentimento e ao pensamento autocontrolado. Elas podem ser entendidas como diagramas. Para Peirce (CP 3.419), diagramas e figuras diagramatóides podem ser aplicados para um melhor entendimento de estados de coisas, sejam eles experienciados, lidos ou imaginados. A extensão desse tópico norteia as considerações finais.

Considerações finais

Ao tomar como pressuposto o movimento das atualizações das qualidades de sentimento, tais como elementos de uma série convergente de números reais, infere-se que as atualizações das qualidades de sentimento diferem infinitesimalmente entre si. Mas elas podem se atualizar por um período. Mas para que não se amenize faz-se necessário que cada parte do texto – objeto de in-

terpretação – mantenha uma matriz comum com o todo. Tal matriz pode ser um esquema – uma espécie de diagrama que traz o todo em cada uma de suas partes. Tal como a propriedade da auto-similaridade dos fractals (Mandelbrot, 1983).

A seguir alguns exemplos. O livro *Dos ritmos ao caos*, de Bergé et al., traz na apresentação as seguintes frases:

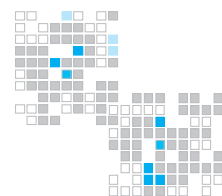
Dos ritmos ao Caos progride por meio de exemplos. Tomam-se situações simples nas quais se ilustra a complexidade dos movimentos naturais, as suas categorias, a sua predictibilidade, a sua regularidade ou o que os faz erráticos. Mas tais exemplos são unidos por um fio condutor³, de modo a não dispensar nossa atenção. Tal fio condutor é o tempo.

A obra “Mona Lisa” de Leonardo Da Vinci (Cf. Ostrower, 1998) se apresenta no formato retangular que obedece a razão áurea, que aparece também em diversas divisões no interior deste, onde partes da imagem estão distribuídas. O movimento gerado por retângulos áureos cativa nosso olhar.

Na linguagem matemática, as teorias constam de termos primitivos, regras para formação de fórmulas a partir deles, axiomas, regras de inferência e teoremas, segundo Machado (1994).

Os termos primitivos descrevem os objetos concretos de que trata a teoria. As regras de formação de fórmulas organizam o discurso a respeito destes objetos, distinguem as fórmulas bem formadas das que carecem de significado. Os axiomas são as verdades básicas, iniciais, que devem se apoiar na evidência empíri-

³ Grifo nosso



ca. As regras de inferência determinam as inferências legítimas e distinguem, dentre as fórmulas bem formadas, as que constituem os teoremas, que são verdades demonstráveis a partir dos axiomas, em última análise (Machado, 1994, p.30).

Deste modo, ao se considerar um teorema sobre um determinado assunto ele depende dos teoremas anteriores, das definições e dos axiomas. Neste movimento da linguagem talvez resida parte da beleza da matemática.

Mas os textos podem apresentar palavras e imagens, por exemplo. Como manter a atualização das mesmas qualidades de sentimento neste caso? Não deve haver trama para a mente/intérprete, a mente do leitor deve percorrer os mesmos caminhos. As relações que se estabelecem entre as idéias do texto devem se desvelar também nas imagens.

Outra conjectura. O texto pode instaurar na mente humana um amálgama de qualidades de sentimento, o que é possível se este apresentar, no início, uma espécie de diagrama. O diagrama o condensa de modo sugestivo. Caso haja um movimento de signos/interpretantes muito intenso, uma vez que isto depende também da história de semiose da mente individual, qualidades de sentimento diferenciadas se atualizam. Sendo assim, ao adentrar o texto, a ação dos signos se dá como força gentil para a mente do leitor. O diagrama apresenta um conjunto de relações possíveis de serem estabelecidas no texto. Os textos disponibilizados na internet talvez precisem exibir toda sua potencialidade ao se apresentar, ou seja, mostrar-

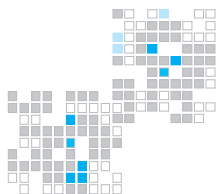
se, inicialmente, em um diagrama.

A possibilidade de atualizações de qualidades de sentimento num primeiro envolvimento do leitor com o texto depende, mesmo sendo o texto potencialmente rico para suscitar essas atualizações, da história de semiose do leitor. Ela deve ter uma característica especial – o envolvimento com qualidades de sentimentos.

Há leitores e leitores... mas o que se deve almejar é que os textos construam leitores. São infinitas as qualidades de sentimento, logo, será possível fisgar leitores com textos diferenciados, no entanto, para mantê-los, a qualidade de sentimento que os fisgou deve continuar fluindo. Assim o que se propõe não é como fisgar o leitor, mas em sendo fisgado, que ele continue o seu caminhar prazerosamente e compartilhando significados, como consequência.

O prazer do texto advém de propriedades objetivas do texto que possibilitam atualizações de qualidades de sentimento. É algo neutro, no sentido de que é uma trama de relações, que esboça uma arquitetura do texto, que o exhibe como um diagrama que se espalha e se repete pelo texto. Não depende, portanto, de interpretações singulares, o que vai ao encontro do proposto por Barthes.

Arriscou-se dar sugestões de prováveis características destes textos, no entanto, vislumbra-se que elas demandam reflexões, uma vez que o modo de operar do sistema nervoso e do cérebro está envolvido e o que se sabe sobre isto ainda é incipiente para dar conta dos processos cognitivos e de como os sentimentos ou as qualidades de sentimento neles influem.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BERGÉ, Pierre et al. *Dos Ritmos ao Caos*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1996.
- DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ECO, Umberto. *Conceito de texto*. Tradução de Carla de Queiroz. São Paulo: EDUSP, 1984.
- HARTSHORNE, C.; WEISS, P. and BURKS, A. (eds.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Volumes I, III e V. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35 e 1958. [mencionados por CP].
- MACHADO, Nilson. *Matemática e realidade*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MANDELBROT, B.B. *The Fractal Geometry of Nature*. New York: W.H. Freeman and Company, 1983.
- MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases da compreensão humana*. São Paulo, Palas Athena, 2001.
- OSTROWER, F. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PIGNATARI, Décio. *Informação, Linguagem, Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- PRIGOGINE, Ilya. *As leis do caos*. São Paulo: UNESP, 2002.
- ROSA, António Machuco. *Antologia Filosófica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, s/d.
- RUELLE, D. *Acaso e Caos*. São Paulo: UNESP, 1993.
- SANTAELLA, Lucia. *A Assinatura das Coisas*. Peirce e a Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira: Thomson Learning, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. *Teoria Geral dos Signos*. Semiose e Autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

